

CULTURA

Celso Álvarez Cáccamo: "Está por popularizar o livro português na Galiza de umha maneira comparável a como meu pai foi divulgador do livro em galego da altura"

EDUARDO MARAGOTO / Já temos 'persoeiro' para homenagear em 2008. Tudense, escritor e director de Edições Castrelos desde 1967, foi também membro das Mocidades Galeguistas no pré-guerra e da Real Academia Galega a partir do ano 1964. A RAG volta

assim a homenagear um antigo membro da mesma que nesta ocasião nos obriga a salientar um dado biográfico curioso. Xosé María Álvarez Blázquez (1915-1985) tivo três filhos escritores, todos em plena actividade ainda. Interessou-nos a posição de um deles.

Sabemos que é o teu pai biológico, mas em termos de legado cultural e como reintegracionista sentes-te filho de Álvarez Blázquez?

Nom gosto de me definir como reintegracionista. Sou simplesmente escritor galego em português. Pratico a unidade da língua portuguesa como pratico a unidade da língua inglesa, que também escrevo. Ainda, quero esclarecer que meu pai tivo seis filhos: Maria Luísa, que morreu e era enfermeira; Xosé María e Alfonso, escritores ambos; Maria Elena, auxiliar de clínica; eu, que sou professor; e Berta, que é pintora. Mas prefiro nom aplicar as metáforas familiares aos campos culturais, da mesma maneira que nom gosto de conceber os países como grandes famílias ou pátrias. Deixa-me entom reformular a pergunta: 'Sinto-me herdeiro do legado cultural do meu pai?' Evidentemente. Sinto-me aliás herdeiro de todas as pessoas que deixáram algo para as culturas.

Fai sentido nos dias de hoje que o acontecimento anual mais importante da cultura galega gire em torno da homenagem a pessoas falecidas há décadas?

É evidente que o Dia das Letras é questionado por diferentes motivos. Eu nom sou pessoa de homenagens nem de Dias, e creio que se meu pai fosse vivo nom daria muita importância a esta homenagem, embora a tivesse agradecido, nom cabe dúvida. Nom é o meu papel julgar as Academias, porque reconheço que nom me interessam. Em geral, as culturas geram instituições deste género para defenderem os seus interesses, e eu nom me sinto implicado com isto.

Qual é o contributo mais importante que deixou teu pai, a ti e à cultura galega?

Talvez seja o mesmo contributo. Para mim, foi sobretudo um pedagogo e um divulgador, herdeiro do ensino da República. Umha cousa que temos em comum quatro filhos de Álvarez



Celso Álvarez Cáccamo mantém umha posição afastada da RAG

Blázquez é sermos educadores. Eu destacaria ainda que *O Catecismo do Labrego* de Lamas Carvalhal, editado por Castrelos na coleção O Moucho, foi o primeiro livro (nem sequer o primeiro em galego) que entrou em muitos lares da Galiza.

Há algumha faceta que che pareça mais aproveitável nos dias de hoje?

Um trabalho que está por fazer é a da introdução da letra impressa em português de umha maneira comparável a como meu pai foi divulgador do livro popular em galego da altura.

O levantamento franquista foi especialmente difícil para a família...

Na minha família houve um assassinato, o do meu avô Dario Álvarez Limeses, para além do desterro do meu pai, retaliado pola posição política dele e da família. Na altura, meu pai pertencia às Mocidades Galeguistas e já tinha escrito um texto mui duro: *Berro em*

Lembrança dos Heróis de Carral. O seu desterro a Coreses (Samora) foi duríssimo, longe da família naquele dramático momento, e por isso deixou o magistério passado mais de um ano. É curioso que umha ideologia dominante e excludente como a espanhola castigue alguém desterrando-o fora dos limites do país que essa ideologia nega. O franquismo deu a volta à legalidade de umha forma perversa. Assim, todos os que antes eram republicanos, naquele momento passavam a ser traidores à legalidade que acabavam de instaurar. Meu avô era democrata e anticlerical e foi acusado, entre outras cousas, de cumplicidade com os comunistas. Umha das 'provas' foi que um dia o viram na rua a explicar como se fazia umha bomba, quando, como médico, estava a explicar como se punha umha ligadura. Depois, era frequente aparecerem os delatores por casa tomar café,

“Meu pai tinha umha enorme curiosidade, foi um ‘adolescente cultural’ durante toda a sua vida e isso deu frutos maravilhosos”

para 'consolarem' a minha avó. Havia que deixá-los entrar.

E de Alexandre Bóveda, que vos lembrava o teu pai?

Tivérom muito contacto, pois durante umha temporada XMAB viveu na casa do seu tio Gerardo Álvarez Limeses, genro de Bóveda. Lembro que dizia que cantava mui bem (já agora, há umha gravação da Coral Polifónica de Ponte Vedra onde canta Bóveda editada por Ouvirmos). Depois escreveria a sua biografia, onde lembra que o animou a publicar um texto n'A Nossa Terra.

Ideologicamente, que palavra o definiria com mais precisom?

Um humanista com traços libertários e grande compromisso com a liberdade. É fascinante ler o que pensava após a morte de Franco em relação a como imaginava a Galiza de 2000. Pensava que a educação seria totalmente em galego, universal e gratuita.

No entanto na casa falávades castelhano, nom é?

Meu pai usava o castelhano connosco e minha mãe nunca falou galego, embora o lesse. No meu caso, a passagem para o galego foi na Universidade. Porém, na casa ouvia-se o galego, que meu pai usava com falantes habituais e nas reuniões que fazia com amigos e intelectuais da época. Era umha língua de cultura na minha casa.

Em relação ao lusismo que professoras, o que pensava ele?

Álvarez Blázquez nom foi

reintegracionista, embora tenha um poema em português e outro de 1934 escrito numha norma aproximada, ambos inéditos. Conheceu muitos intelectuais portugueses como Oliveira Guerra, Hugo Rocha, Rodrigues Lapa e Fernando Pires de Lima. Com os dous últimos mantinha um amplo contacto, nomeadamente com Lapa aquando a publicação da *Escolma da Poesia Medieval* de meu pai. Portugal era para ele umha outra parte da Galiza nom contaminada polo sangue e a repressom da guerra.

Que relação tivo com o galeguismo através das suas diferentes etapas?

Até a guerra meu pai seguiu o caminho de todo o galeguismo e embora fosse mais novo que a gente do Seminário de Estudos Galegos, manteve umha grande amizade com grande parte dos vultos galeguistas da altura. Conserva-se numerosa correspondência com Outeiro Pedralho, Cuevilhas, Del Riego... Com a repressom do pós-guerra regressou à parte castelhana da sua cultura, tanto no idioma como na estética. Mas já a partir dos anos quarenta começou a escrever de novo em galego (em 1949 publica com o seu irmão Emílio *Poemas de ti e de min*). Na última etapa tornou-se conhecido sobretudo como director de Castrelos, umha editora de carácter mais divulgador que Galáxia e em certo modo a sua concorrência. Mesmo assim, quando chegou a altura de vender a editora decidiu, por compromisso galeguista, deixá-la a Galáxia, que oferecia um montante menor em relação a outras ofertas. Galáxia matou esse fundo editorial.

Que livro dele nom podemos perder?

O Cancioneiro de Monfero (1953). Tem umha história deliciosa. Declarou no prólogo que o encontrara no mosteiro de Monfero. Aos poucos dias reconheceu que fora um jogo literário, mas nom evitou que alguns amigos que tinham acreditado cegamente na história se zangassem com ele.